

A sombra ao redor

- por Clóvis Domingos-

Em *Terra Tu Pátria*, o Comitê Escondido Johann Fatzer (SP) traz à cena uma dramaturgia que reúne documentos, fatos e imagens da história recente dos últimos anos no Brasil. A cenografia com o espaço inicialmente vazio serve de superfície na qual mais tarde corpos, palavras, discursos e imagens entrarão em colisão na busca por uma “estética do excesso” diante do fracasso das instituições. Os documentos são atualizados no palco de forma que sua exploração principalmente pela via sonora, acaba por tensionar seus possíveis sentidos, beirando assim o território do absurdo, do insuportável e da produção de um delírio coletivo.

Apresentados em forma de uma composição musical, inclusive com a presença em cena de cavaletes de partituras, os discursos proferidos são deslocados de seus ambientes originais e ganham relevo e centralidade nas vozes dos atores que, aos poucos, pelo exercício da leitura ao vivo, vão deformando essas textualidades simbólicas numa espécie de desconstrução e ritualização atravessadas por diferentes velocidades, lentidões, ressonâncias e congelamentos. A leitura neutra e concentrada desses discursos, quase de natureza jornalística, cede lugar à ruptura da estrutura significativa, chegando então a afetar o precário equilíbrio das emoções e dos gestos corporais. O estranho e o insólito invadem o espaço cênico nesse “concerto em ruínas”, forçando o espectador a escutar um inventário de materiais sonoros que parecem desejar a exposição escancarada de um Brasil atravessado pelos males e feridas de sempre: a violência, a colonização, o patrimonialismo, a mentira, a religião, a exclusão dos oprimidos.

Não por acaso, a peça começa com a execução de trechos da célebre ópera *O Guarani* de Carlos Gomes, seguida de um discurso sobre Pindorama, a terra invadida. A atriz utiliza gestos muito próximos à coreografia de uma regente ou maestrina, introduzindo o espetáculo a partir de um regime discursivo conflitante que contrasta entre a execução sonora de um belo e harmônico clássico e a emissão de um texto sobre injustiça e dominação. Quem rege a vida da população? O poder estaria nas mãos de quem? De

alguns poucos eleitos ou de todos nós? Quem dá as cartas? Quem controla os destinos de uma nação?

Terra Tu Pátria aposta na ironia como elemento principal na construção de uma visão crítica de nossa história e de nosso povo (expõe as fraturas da democracia no golpe e impeachment da então presidenta Dilma Rousseff, nossa derrota na copa do mundo de 2014, a eleição do fascismo e do conservadorismo na figura de Jair Bolsonaro). Neste recital, a opção pela costura de diferentes quadros marcados pela sobreposição de imagens e falas entrecortadas por momentos considerados “decisivos” da vida política brasileira, tende a acentuar certo desalento com os caminhos percorridos até hoje, numa visada claramente apocalíptica. Não é aleatória a utilização de fumaça e também o foco de luz apenas voltado para os microfones pelos quais os discursos ditos oficiais são compartilhados.

Em alguns momentos torna-se difícil respirar diante dos efeitos nocivos produzidos no contato com essa “*encenação do cinismo*”. A verborragia que causa mal-estar é então acertadamente, interrompida por um silêncio constrangedor, nos permitindo aí habitar uma possibilidade de distanciamento e reflexão. Um corte estratégico na percepção da plateia. Na suspensão dos enunciados tão excessivos (como no caso das falas dos deputados votando a saída da presidenta), algo se instaura nessa perda, nesse hiato, nessa negatividade.

Mas a meu ver as contradições desse trabalho começam aqui nesse ponto. O que estaria para além das performances desses homens engravatados e que numa primeira leitura seriam a “voz do Brasil”? Então todos os políticos seriam corruptos? Não haveria diferença entre eles? Aqui não se trata mais de defender uma posição de direita ou de esquerda. Todos os partidos são passíveis de crítica, cometem erros e precisam rever suas estratégias de atuação e agendas de base. O perigo no espetáculo seria uma certa possibilidade de *equivalência geral dos discursos*.

Ainda que fique perceptível que o trabalho se posicione contra o obscurantismo e o retrocesso atuais e se coloque do lado dos direitos humanos e da livre expressão da democracia (são modulações sonoras diferentes e intervenções precisas quando se escuta, por exemplo, o discurso de Jean Wyllys e do ex-presidente Michel Temer) , há oscilações e fragilidades dramáticas que podem gerar ambiguidades e permitir todo e qualquer tipo de leitura e assimilação, inclusive por parte daqueles que defendem a

morte, a intolerância e a aniquilação das diversidades. Separar o joio do trigo aqui se torna fundamental, principalmente num momento em que tudo tende a ser generalizado, reduzido, pouco debatido ou nada problematizado.

Outras canções

Também questiono: a política só se exerceria ali naqueles espaços exclusivos ou esse é o recorte priorizado pelo grupo? Só seriam “documentos” essas plenárias partidárias que acontecem nas salas fechadas dos poderes executivos, legislativos e judiciários? E as reuniões dos sindicatos de bairros, as salas de aula, os ensaios de teatro, os protestos de rua? Sim, esses “podres poderes” exercidos por inúmeros homens públicos incidem diretamente sobre nossas vidas e nossos corpos. São legitimados. Mas há resistências, existem articulações, gritos de revolta, narrativas contrárias. Mesmo no estupor e diante do horror generalizado há possibilidades de ação, de reação, gestos de dissidência e indignação. A política está nas instituições, mas é também *gesto instituinte*, um campo diário de batalhas, nunca se sedimenta, não tem ponto final. Como ouvir outras musicalidades? É possível produzir novas vibrações sonoras no corpo político? Vibrar aqui também no sentido de reavivar utopias e imaginações políticas. De que políticas estamos falando?

Pouco antes do término do espetáculo uma voz feminina traz à cena o relato do desaparecimento de uma mulher negra periférica e afirma: “Eu estou aqui”. Mas o que poderia ser um “documento” a configurar como mais uma existência política (POIS É), a meu ver não ganha o espaço necessário no desenvolvimento do espetáculo (continua seu desaparecimento a ser destacado pela “força do ódio reinante”) e essas vidas consideradas “menores” parecem não ter a mesma voz reconhecida e mais, ampliada, uma vez que o foco recaiu na maior parte do trabalho sobre os discursos dos homens brancos privilegiados e aparentemente vencedores.

Um fragmento do texto dessa parte do trabalho ainda insiste em reverberar sobre mim: “*Eu estou aqui*”. E o que fazemos diante dessa interpelação, desse “Tu” que nos conclama? Esse “Tu” também não é parte, não é pátria? Essa sombra, espécie de “fantasma” que repete o tempo todo estar aqui, estar ali, estar em todo lugar, surge como *documento vivo*. Esse “Tu” nos endereça uma responsabilidade.

Terra Tu Pátria é um trabalho potente e instigante, muito bem realizado pelos jovens atores do Comitê Escondido Johann Fatzer. É corajoso ao se defrontar com tempos tão

sombrios e diante de questões urgentes das quais estamos em busca de respostas. Vagamos perdidos e sem rumo. Mas se o teatro pretende nos levar a fabular e imaginar quais seriam os possíveis futuros para nossa vida política e social, seria preciso considerar de fato a “*sobrevivência dos vagalumes*”, isto é, discursos outros, e assim redirecionar os projetores, os focos e os microfones numa lente mais expandida e comunitária, e cuja pouca luz não nos desanime de lutar frente à uma realidade quase sempre adversa. Eu me pergunto: como estar à altura de nosso tempo? Como agir tateando em meio à escuridão?

Talvez os discursos e corpos principais desse espetáculo estejam presentes perambulando e zanzando ali nas *sombras e nos silêncios ao redor* (seja dos microfones ou dos corpos iluminados dos artistas e dos objetos), numa discreta pulsão de vida, numa “entre-vida”, numa entre “vista”. O que se dá a ver? Modos de fazer política efetiva e afetiva entre visibilidade e invisibilidade, cansaço e resistência, aparição e esconderijo, palavra e mudez, vida e morte.